

#VAMOSCONVERSAR

RELIGIOSIDADE EM SÃO PAULO: ARTE, POLÍTICA E SOCIEDADE

SÃO
PAULO
469
ANOS

Grupo de Trabalho: Estudos Raciais e Gênero
Núcleo de Formação e Desenvolvimento de Públicos
Museu da Cidade de São Paulo - jan/2023



Quais características compõem um povo? sua música, culinária, religião? Até que ponto as crenças individuais influenciam nos espaços públicos e vice-versa?

Essas e outras questões permeiam inúmeros campos de pesquisa acerca da formação cultural de uma sociedade, e a história da cidade de São Paulo está inserida em uma teia construtiva quando se refere à religiosidade.

Esse eixo temático é muito complexo, com inúmeras contradições e problemáticas que há pouco menos de meio século começou a ser questionado pela ciência das humanidades e vem mostrando outras vertentes que até então foram, deliberadamente, colocadas à margem na participação e formação de São Paulo.

Sobre esta problemática, propomos uma reflexão a partir do acervo material e fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Uma vez que ele também é um recorte historiográfico, que nos permite entender a cidade e muitas de suas contradições.



Figura 1 - Oratório

Disponível em:
<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALA/CERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=615380>

O primeiro bem a ser analisado é um Oratório de data e autoria desconhecidas, mas que esteve presente no evento do Quarto Centenário, quando sua aquisição foi feita. Este objeto teve como principal função reafirmar uma religiosidade presente no Brasil Colonial e Imperial. Religiosidade que tinha como base o cristianismo, que veio das heranças portuguesas. O segundo é um monumento, de 1957, homenageando o Padre José de Anchieta, intitulado como “O Fundador de São Paulo”. Este se encontra na Praça da Sé, local que durante muitos séculos fez parte do pólo econômico e religioso da cidade, principalmente no período colonial.

Ambos os documentos nos dão a ideia de uma cidade que foi moldada, também, pela presença da religião, e que teve profunda influência nos costumes, modo de vida e, principalmente, nas políticas públicas que foram se desenvolvendo ao longo da formação da cidade.

Partindo desta premissa, podemos trazer a ideia das inúmeras possibilidades de crenças religiosas que já permeavam e que permeiam nossa sociedade. No âmbito privado, após a colonização, o catolicismo se fez presente, uma vez que os dominadores eram pertencentes a essa religião. Também não podemos negar a influência política que a Igreja teve no período das invasões das potências europeias no chamado Novo Mundo. A religiosidade estava nas entranhas da sociedade, nos costumes e nos modos privado e coletivo de se relacionar.



Figura 2 - O Fundador de São Paulo

Disponível em:
<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALA/CERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=438001>

Ter um artefato de adoração em casa, ou um monumento que simboliza uma religiosidade, em uma praça, ou em frente a sua residência, pode trazer informações e direcionamentos dos costumes que estão presentes - mesmo que inconscientemente - na nossa cultura.

Porém, essas simbologias nos trazem signos e resquícios de um processo de dominação que não foi nada natural ou pacífico. Esse processo foi duramente imposto a partir de violências que tiveram múltiplas facetas, ora físicas, ora ideológicas. E a mais significativa foi a total exclusão de fés já existentes e já consolidadas dos povos originários que aqui se encontravam.

Os indígenas, que povoavam o que hoje chamamos de Brasil, tinham uma riqueza singular quando se tratavam de suas crenças. E é claro, os indígenas, assim como os povos africanos, trouxeram para o Brasil - um país continental, com muitas etnias - uma diversidade de crenças. Mas, nada disto foi levado em consideração: os dominadores tiveram como objetivo, não apenas, a exploração do território, mas, também, desumanizar esses povos que eram julgados como inferiores. Neste aspecto, podemos ir ao encontro do que Caio Prado Júnior (1961) chamou de "O sentido da colonização", pois conquistar um território com objetivos econômicos, inclui a dominação no campo simbólico e ideológico da população que habita esse território.

Por decorrência disso, de políticas públicas e educacionais não efetivas, o Brasil vem se tornando um país não tolerante à diversidade religiosa ou de crença, hoje, e desde a década de 1950 - quando começou-se a pensar nos povos originários, ainda que de forma caricata e excludente - isso ainda se faz presente. Outras religiões, que não estão dentro do campo da cristandade, foram e ainda são perseguidas e minimizadas.

Há de se ver uma luz sobre esse assunto, pois desde o ano de 2008, tornou-se obrigatório o estudo de culturas indígenas no país. Portanto, o Brasil vem, entre avanços e retrocessos, trazendo à tona as questões que permeiam os povos originários, essas que também se entrelaçam com crenças e as múltiplas religiosidades que esses partilham.

Um exemplo disso é não ter nenhuma lei que proíba missões religiosas em comunidades indígenas em situação de isolamento. Houve uma tentativa no ano de 2021 em decorrência da pandemia da covid. Ou seja, ainda existe resistência em aceitar as culturas e crenças já existentes. Exatamente como foi feito há 500 anos. Pensando nesta perspectiva, a cidade de São Paulo, assim como muitas cidades no Brasil, seguiram essa lógica. Agora, nos cabe pensar e criar ações para que essas outras vertentes de crenças e saberes sejam reconhecidas, compreendidas e respeitadas.

SUMÁRIO FOTOGRÁFICO

Figura 1 - Autor desconhecido. Oratório. Sem data. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo

Figura 2 - ZELLAUI, Gabriel. O Fundador de São Paulo. 1957. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo

BIBLIOGRAFIA


BITTENCOURT, Circe Fernandes. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amilcar Araujo, MONTEIRO, Ana Maria (org.). Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas. 1º Edição. São Paulo, Editora Pallas, 2012.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 14º Edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

LOFEGO, S. L. (2012). 1954 - A cidade aniversariante e a memória coletiva: O IV centenário de São Paulo. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 20. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10821>
> Último acesso em: 20/01/2023.

PRADO, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: colônia. 6º Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1961. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5502200/mod_resource/content/1/Caio%20Prado%20Jr.%20-%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil%20contempor%C3%A2neo.pdf Último acesso em: 20/01/2023.

SÃO PAULO 469 ANOS

 @MUSEUDACIDADE
 MUSEUDACIDADE.SP
 WWW.MUSEUDACIDADE.PREFEITURA.SP.GOV.BR



#vamosconversar é uma iniciativa do Educativo do Museu da Cidade de São Paulo para compartilhar o seu acervo e a história da maior metrópole brasileira. Vamos?

